



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PLANALTINA

CAROLINA DE FREITAS SANTOS

**EXTRATIVISMO VEGETAL COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO SOCIOCONÔMICO NO NORTE DA CHAPADA DOS
VEADEIROS**

PLANALTINA – DF

JULHO, 2018

CAROLINA DE FREITAS SANTOS

**EXTRATIVISMO VEGETAL COMO ESTRATÉGIA PARA O
DESENVOLVIMENTO SOCIOCONÔMICO NO NORTE DA CHAPADA DOS
VEADEIROS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Gestão do Agronegócio, como requisito parcial à obtenção
do título de bacharel em Gestão do Agronegócio.**

Orientadora: Profa. Dra. Janaína Deane de Abreu Sá Diniz

PLANALTINA – DF

JULHO, 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por permanecer ao meu lado em todos os momentos e por ter agido com Sua misericórdia em minha pequenez. Por ter me dado todas as condições necessárias para que este trabalho se concretizasse. Sem Ele, nada seria possível.

Agradeço à minha família, por todo apoio e companheirismo, por terem me ensinado a conviver com a diversidade e a lutar contra todas as formas de desigualdade, me ensinado a ir sempre além através da minha profissão. Mãe, pai e Felipe, vocês são peças fundamentais em minha história.

Agradeço também, de forma especial, a minha orientadora Profa. Dra. Janaína Diniz, por ser tão generosa em compartilhar seu conhecimento e por ter me acrescentado de forma acadêmica e pessoal. Obrigada por se dedicar à luta pelas minorias e por ser inspiração para mim e para todas as outras mulheres.

Aos demais mestres que com afincos lutam por uma educação de qualidade e se dedicam a seus alunos com tanto carinho. Vocês tornaram o trajeto até aqui muito mais agradável e me motivaram a conquistar novos objetivos.

Aos amigos e colegas de Universidade, muito obrigada pelo apoio, companheirismo e por todas as experiências compartilhadas nesses quatro anos de convivência. Sem vocês essa experiência não teria sido tão apaixonante. E aos amigos que conquistei na vida, agradeço por toda paciência e compreensão durante esse tempo, vocês foram refúgio e consolo em diversos momentos nessa caminhada.

Por último, mas não menos importante, minha gratidão a todos os Povos de comunidades tradicionais do Estado de Goiás, por manterem viva a nossa memória cultural. Minha gratidão também a todos aqueles que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho e por me permitirem conhecer um pouco sobre a grandeza que é ser Povo do Cerrado.

EPÍGRAFE

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo” (Albert Einstein).

RESUMO

O extrativismo vegetal no norte da Chapada dos Veadeiros está diretamente relacionado com o surgimento das primeiras comunidades que se estabeleceram no território. O extrativismo vegetal neste território representa a preservação histórica, cultural e social dos Povos do Cerrado, além de resguardar o bioma que, a cada ano que passa, está cada vez mais ameaçado pelo avanço da fronteira agrícola na região. Como consequência da Revolução Industrial, aos poucos as práticas extrativistas foram dando espaço para a agricultura, tornando o extrativismo, na maioria dos casos, apenas uma atividade para fins de consumo próprio das famílias. Pensando em uma forma de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico dos municípios do norte da Chapada dos Veadeiros, este trabalho tem o propósito de levantar a atual situação socioeconômica dos municípios de Alto Paraíso, Teresina de Goiás e Cavalcante, com o objetivo de sugerir o extrativismo vegetal como atividade alternativa para o Desenvolvimento Socioeconômico dos municípios do norte da Chapada.

Palavras-chave: Norte da Chapada dos Veadeiros; Extrativismo; Desenvolvimento Socioeconômico.

ABSTRACT

The extractivism in Northern Chapada dos Veadeiros is directly related to the emergence of the first communities that settled in the territory. The vegetable harvesting in this territory represents the historical, cultural and social preservation of peoples of the Cerrado, in addition to safeguard the biome that, every year, is increasingly threatened by the advance of the agricultural frontier in the region. As a result of the Industrial Revolution extractive practices were gradually giving place to agriculture, making extractivism, in most cases, only one activity for the household consumption. Thinking of a way to contribute to the socioeconomic development of the municipalities in the Northern region of the Chapada dos Veadeiros, this work has the purpose to find out the current socio-economic situation of the municipalities of Alto Paraíso, Teresina de Goiás and Cavalcante, aiming to suggest extractivism as an alternative activity to the socio-economic development of the municipalities of Northern Chapada.

Keywords: North of Chapada dos Veadeiros; Extractivism; Socio-Economic Development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 Evolução histórica do extrativismo vegetal no Cerrado.....	10
2.2 Extrativismo vegetal no Cerrado goiano.....	13
2.3 Desenvolvimento Socioeconômico no Norte da Chapada dos Veadeiros.....	15
3. METODOLOGIA	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1 Perfil dos municípios analisados	20
4.2 Extrativismo de frutos do Cerrado no Norte da Chapada dos Veadeiros.....	24
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	33
Apêndice A.....	33

INTRODUÇÃO

O extrativismo vegetal no Cerrado goiano origina-se no mesmo momento em que surgem as primeiras comunidades no território. A vasta diversidade natural do Cerrado oferecia a essas comunidades os frutos que eram consumidos majoritariamente *in natura*, passando por pouco ou nenhum processamento.

Com a vinda de alguns povos do sudeste e nordeste para o Cerrado, de forma especial no fragmento que compõe a Chapada dos Veadeiros, visando a extração de minérios na região, alguns costumes foram incorporados aos dos povos que já habitavam a região. Sendo assim, além de se alimentarem dos frutos extraídos do Cerrado, as primeiras comunidades começaram as práticas agrícolas para fins de consumo próprio.

Com o passar dos anos e o avanço tecnológico consequente da Revolução Industrial, as práticas extrativistas foram dando espaço para a agricultura cada vez mais tecnificada e extensiva, ameaçando e transformando as características naturais do bioma.

O pensamento capitalista atual sugere que para que se alcance o desenvolvimento é necessário ser cada vez mais produtivo, fazendo com que a mão de obra humana seja substituída por aparatos tecnológicos e reduzindo a importância dos fatores históricos, sociais, culturais e ambientais dos Povos, de modo que o foco na obtenção de recursos financeiros seja cada vez maior, ainda que para isso seja necessário ignorar a vulnerabilidade dos recursos naturais dispersos pelos biomas.

O extrativismo vegetal no norte da Chapada dos Veadeiros traz consigo a importância da preservação social e cultural do uso dos frutos do Cerrado pelas comunidades tradicionais desta região, além da importância de preservação das características naturais do Cerrado, que com o passar dos anos está cada vez mais ameaçado.

Pensando em uma forma de atingir não somente o desenvolvimento propriamente dito, mas sim o desenvolvimento socioeconômico dos Povos que compõem os municípios do norte da Chapada dos Veadeiros, este trabalho objetiva levantar a atual situação socioeconômica e sugerir o extrativismo vegetal como uma opção viável em termos sociais, ambientais e econômicos para que as comunidades do norte da Chapada dos Veadeiros atinjam o pleno desenvolvimento socioeconômico.

O cerne deste trabalho consiste em apontar o extrativismo vegetal como fonte de renda para as comunidades analisadas e atestar a possibilidade da exploração sustentável dos recursos naturais para obtenção ou complemento de renda destas, visando alcançar um maior desenvolvimento socioeconômico desses municípios.

A temática deste trabalho justifica-se pela necessidade de fazer com que a importância do Cerrado como bioma e como moradia de diversas comunidades tradicionais seja difundida para o maior número de pessoas possível, visando a difusão do extrativismo como estratégia para o Desenvolvimento Socioeconômico no norte da Chapada dos Veadeiros.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Evolução histórica do extrativismo vegetal no Cerrado

O extrativismo vegetal no Cerrado nasce concomitantemente com o surgimento das primeiras comunidades que se formaram no bioma. As práticas extrativistas garantiam o alimento para as famílias que consumiam os frutos, inicialmente, *in natura*, sem que fosse feito nenhum processamento.

De maneira simples é possível definir extrativismo como uma prática de extração de recursos disponíveis na natureza, característica de cada bioma, sem que tenha havido tratos iniciais ou um plantio prévio do fruto coletado. Corroboram Drummond (1996) e Hironaka (2000) afirmando que no extrativismo os produtos podem ser coletados, recolhidos, extraídos ou capturados sem necessidade de tratos anteriores, pois foram espontaneamente gerados e, em seus ciclos biológicos, não houve intervenção humana.

Através da prática do extrativismo vegetal, além da subsistência alimentar garantida pelos frutos do Cerrado que possuem altos valores nutricionais e versatilidade quanto às possibilidades de processamento, é possível conciliar essa prática com a agropecuária de forma sustentável, de modo que a cultura ou pastoreio sejam feitos de forma consciente.

Os frutos que são extraídos podem ser consumidos *in natura* ou com algum processamento, tornando-se ingredientes especiais e muito apreciados no preparo de bolos, geleias, etc., mas também servem como matéria-prima para o preparo de artesanatos, indústria farmacêutica e demais segmentos que geram renda e compõem a economia brasileira. Diniz (2008) explica que o extrativismo vegetal se situa na fronteira entre a ecologia e a economia, constituindo o sistema de exploração de produtos naturais (tanto de origem mineral, como animal ou vegetal) destinados ao consumo ou à venda nos mais distintos mercados.

Embora as primeiras práticas de extrativismo registradas no Cerrado tenham sido para consumo próprio e subsistência dos povos indígenas, com o passar dos anos e o aumento do fluxo migratório de povos para o Cerrado, houve algumas mudanças na finalidade da extração dos frutos, deixando de ser exclusivamente para consumo próprio, passando a adquirir valores comerciais.

Ainda que tenham ocorrido mudanças na destinação dos frutos, o extrativismo no Cerrado traz consigo uma peculiaridade, que é a forte evolução histórica, importância da

preservação histórica do uso do fruto pelas comunidades tradicionais e pelo peso que a prática do extrativismo tem no processo histórico evolutivo do Cerrado. Isso faz com que as práticas extrativistas não visem apenas o viés econômico, mas respeitem, acima de tudo, a sua importância na preservação do bioma com suas características iniciais.

Com suas características singulares, o Cerrado é composto por variações de fauna e flora pela extensão do bioma, áreas com gramíneas, extrato arbóreo, árvores de pequeno e médio porte, troncos retorcidos e “cascudos” e raízes pivotantes capazes de se manterem vivas mesmo nos mais extensos e severos períodos de estiagem. Além da sua vasta extensão, de acordo com Mancini (2002), atingindo aproximadamente 25% de todo o território nacional, o Cerrado possui uma grande diversificação faunística e florística em suas diferentes fisionomias vegetais.

O Cerrado possui uma variação de extratos ao longo de sua extensão, indo desde o campo limpo, caracterizado por uma vegetação rasteira, podendo ir até os extratos cerrados onde predomina uma vegetação mais densa e fechada com espécies lenhosas, por isso denominando-se “cerrado”, que no idioma espanhol significa “fechado”. As regiões cujo extrato predominante é o cerrado, possuem maior variedade de espécies frutíferas e despertam o interesse das comunidades tradicionais para aproveitamento alimentar. Essa biodiversidade vegetal do cerrado é estimada em torno de 5.000 a 7.000 espécies (MANCINI, 2002).

De acordo com Duarte (1998) “das espécies com potencial de utilização agrícola, na região do Cerrado, destacam-se as frutíferas. São algumas dezenas de espécies de diferentes famílias que produzem frutos comestíveis, com formas variadas, cores atrativas e sabor característico” (p. 16).

O Cerrado ocupa uma vasta extensão por todo o território brasileiro, ocupando toda a região do Centro-Oeste e parte das regiões nordeste, sudeste e norte, atingindo o patamar de segundo maior bioma do Brasil. A água não é um fator limitante para a vegetação predominante do Cerrado, devido a suas raízes profundas que atingem camadas mais úmidas do solo, possibilitando que mesmo nos períodos de seca, que compreendem os meses de abril a setembro, elas disponham sempre de alguma quantidade armazenada de água.

O solo do Cerrado tem grandes variações no que diz respeito às características morfológicas e físicas. Rodrigues (2004) descreve que os solos sob o Cerrado possuem algumas características químicas, tais como: elevada acidez, toxidez de alumínio, alta deficiência de nutrientes e alta capacidade de fixação de fósforo.

Para melhor compreensão da evolução histórica do extrativismo no Cerrado, é necessário entender como se deu e por quem foi colonizado este bioma. Sendo assim, os primeiros indícios de “colonização” do Cerrado surgiram em meados do século XVIII como uma consequência da Revolução Industrial que objetivava atender às crescentes demandas das indústrias, tornando necessário extrair os minérios presentes neste bioma. Nesse mesmo período surgiram os primeiros mineradores que iniciaram uma intensa exploração por esses recursos naturais.

Com o “boom” tecnológico anos antes advindo da Revolução Verde (1940), tornou-se viável a produção agrícola no Cerrado. Através da inserção de máquinas e técnicas de plantio sob o solo do Cerrado foi-se ampliando a agricultura, resultando no avanço desregrado e inconsciente da agropecuária sobre o Cerrado, contribuindo de forma direta com a devastação do bioma. De acordo com Almeida (1998), foram os bandeirantes os primeiros a farejar as riquezas que a terra escondia e, desde então, o bioma começou a ser explorado e destruído.

Melo (2013 *apud* Giustina et al. 2014) afirmam que a chamada “Revolução Verde”, em que as tecnologias de correção da acidez dos solos, a fertilização química, o uso de sementes geneticamente modificadas e o uso de defensivos agrícolas facilitaram a escolha de novas áreas para produção agrícola, fez com que o Cerrado fosse uma “porta aberta” para a expansão agrícola, de modo que suas características físicas e químicas naturais não interferissem no estabelecimento de novas lavouras pela extensão do Cerrado.

Por ser um dos biomas menos protegidos pelas leis, com o passar dos anos, o Cerrado tem sofrido cada vez mais com as intervenções humanas que visam a descaracterização natural do bioma através do cultivo de lavouras, principalmente de grãos, que avançam por toda a sua extensão. Mancin (2002) colabora dizendo que sua devastação, legitimada pelo acelerado processo de desenvolvimento da agropecuária, notadamente na região Centro-Oeste, se dá de forma inadvertida. A extração de suas árvores nativas para fabricação de toneladas de carvão vegetal é uma realidade cada vez mais crescente. Rodrigues (2004) relata que, com isso, a extensão territorial do Cerrado brasileiro tem sido, anualmente, mais e mais limitada. Além da derrubada de sua flora para a fabricação de carvão ou para a atividade agropecuária, se sobressai o manuseio incorreto do uso de seu solo. Ao ritmo imposto pelo ser humano ao desmatamento, em breve muitas dessas espécies se perderão nas brasas criadas pelas imensas fogueiras que dizimam a vida do Cerrado.

A discussão que se faz sobre as atuais práticas predatórias e degradantes da agricultura patronal vai além da drástica redução da biodiversidade do Cerrado, passando pela descaracterização do bioma natural, extinção de fauna e flora do patrimônio histórico-cultural das comunidades tradicionais que compõem o legado de preservação e defesa do bioma.

2.2 Extrativismo vegetal no Cerrado goiano

Não diferente das demais regiões que compõem o bioma Cerrado, os primeiros indícios de “colonização” surgiram após o século XVIII com a vinda dos mineradores para a região Centro-Oeste, dando origem as práticas do extrativismo mineral na região.

O estado de Goiás nem sempre foi conhecido por este nome. No início, com a vinda dos mineradores para a região, formaram-se os arraiais, nome dado aos pequenos povoados que constituíam uma pequena cidade, que anos após passaram a ser conhecidos como vilas, o que mais tarde, devido à sua reputação com a extração de ouro receberia o nome de Vila Rica, Vila Bela e, por fim, Goiás.

Goiás foi durante um longo período o refúgio para nordestinos que fugiam da decadência do mercado do gado no Nordeste e buscavam novas terras para que pudessem retomar as práticas de manejo do gado. As práticas de manejo do gado, habitual para a cultura nordestina, foram retomadas em solo goiano, fazendo com que o estado de Goiás fizesse parte do conhecido “ciclo do gado”, expandindo as fronteiras de mercado da região, que até então eram basicamente alicerçadas pela extração de minérios.

Além dos nordestinos que haviam migrado para Goiás, o estado também passou a ser residência para algumas comunidades quilombolas que se somaram às etnias indígenas tradicionais da região, viabilizando a troca de conhecimentos culturais entre esses povos. Como remanescentes de quilombo, temos o povo Kalunga, no nordeste de Goiás, que entre outros costumes tradicionais fazem uso da biodiversidade local pelo consumo de espécies frutíferas e medicinais nativas (FISBERG, WEHBA e COZZOLINO, 2002).

Com o passar dos anos os hábitos alimentares tradicionais da região, que consistiam no consumo dos frutos do Cerrado, base alimentar das comunidades indígenas nativas da região, alguns outros alimentos que faziam parte dos hábitos tradicionais dos povos que migraram para o estado, foram sendo incorporados à dieta alimentar dos que já habitavam a região.

Assim iniciaram os consórcios entre o extrativismo e o que ficou popularmente conhecido como “roça”, que se trata da produção agrícola com as mesmas características do

que hoje se conhece como agricultura familiar. Como atividade econômica satélite à mineração, a agricultura era destinada à subsistência e à venda de excedentes nos pequenos povoados próximos das fazendas (PALACIN; MORAES, 2008).

Os cultivos mais comuns nesses pequenos pedaços de terra eram os grãos e as leguminosas, culturas que hoje fazem parte da alimentação diária de grande parte da população brasileira devido à miscigenação de culturas no período da colonização, que difundiram seus costumes alimentares entre os povos tradicionais do Brasil.

A pré-história do Cerrado mostra um processo contínuo de adaptação e readaptação entre os humanos e os ambientes do Cerrado e de floresta. Os povos indígenas manuseavam bem as possibilidades oferecidas pela natureza. Alguns transformaram-se em horticultores, outros praticavam também a coleta de frutos e a caça. (RODRIGUES, 2004, p. 24).

As práticas extrativistas, em sua grande maioria, são realizadas por comunidades indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais no geral, repassando essa prática entre as gerações. Embora nos últimos anos os indícios são de que a evasão dessas comunidades por parte dos jovens em busca de melhores condições de estudo e trabalho, tem sido crescente, o extrativismo ainda faz parte da riqueza social e cultural dessas comunidades tradicionais.

O extrativismo é mais comum nessas comunidades devido à proximidade do homem com a natureza, como em uma relação de topofilia¹ dos povos que formam essas comunidades com a terra de ontem extraem todos os insumos necessário para sua subsistência, desde os recursos hídricos ao alimento.

O Cerrado, de forma especial no fragmento que compreende o Estado de Goiás, sofreu muitas alterações com o passar dos anos através dos avanços tecnológicos. Como dito aqui, embora a aparente dificuldade do estabelecimento da agricultura, devido às peculiaridades do solo do Cerrado, a favorável posição geográfica do Estado de Goiás despertou a atenção das empresas que objetivavam a produção agrícola, de forma especial de grãos como soja e milho, facilitando o escoamento da produção destas culturas.

Os Povos do Cerrado realmente vivem e fazem parte dos ecossistemas que compõem o bioma. O maior valor do Cerrado é, antes de tudo, o valor da vida de todos os seres que o constituem, que nele habitam e que dele dependem: homens, mulheres, bichos, plantas, terra, águas, minerais, e não apenas um campo de investimento ou uma reserva de valor (MELO, SAUER & DINIZ, 2016, p. 171).

¹Topofilia: sentimento afetivo entre uma pessoa e seu lugar de origem.

Embora as características naturais do Cerrado goiano estejam dando, progressivamente, lugar para monoculturas, os Povos do Cerrado ainda mantêm o sentimento de proteção e preservação do bioma de forma original. Isso se deve ao fato de que os povos tradicionais têm um sentimento que vai muito além da visão da terra apenas como meio de produção, esses povos tem um vínculo sentimental com a terra, de modo que dela conseguem extrair todos os insumos necessários para sua sobrevivência.

2.3 Desenvolvimento Socioeconômico no Norte da Chapada dos Veadeiros

Desenvolvimento socioeconômico consiste na soma das variáveis que produzem o crescimento econômico, como, por exemplo, a soma de todos os bens e serviços produzidos em uma região, com as variáveis que mensuram o desenvolvimento social, como o aumento da qualidade de vida de uma população, que envolve fatores como saúde e educação de qualidade. Sobre desenvolvimento socioeconômico, a Portaria nº 21, do Ministério das Cidades (2014) considera que:

Objetiva a articulação de políticas públicas, o apoio e a implementação de iniciativas de geração de trabalho e renda, visando à inclusão produtiva, econômica e social, de forma a promover o incremento da renda familiar e a melhoria da qualidade de vida da população, fomentando condições para um processo de desenvolvimento socioterritorial de médio e longo prazo (Ministério das Cidades. Portaria 21, 2014, p. 30).

A soma dessas duas variáveis resulta no desenvolvimento socioeconômico de uma população, país ou município. Segundo Paulo (2000), o crescimento econômico é condição necessária para o desenvolvimento humano; portanto, um requisito para eliminar a pobreza e a construir uma vida mais digna. Sendo assim, dentre essas duas variáveis, não existe uma que se sobressaia a outra, pois ambas são complementares.

No Norte da Chapada dos Veadeiros, os primeiros indícios de desenvolvimento socioeconômico surgiram com a vinda dos mineradores para região, devido à grande quantidade de ouro presente nessas terras. Junto com a chegada dos mineradores, outros povos como os nordestinos e paulistas também vieram se somar com as etnias indígenas naturais da região.

Paulistas, nordestinos, portugueses, índios e negros constituíram a base dos habitantes da Chapada dos Veadeiros. Uma mistura de etnias, interesses, usos e costumes, uma preciosa “salada cultural”. O abandono e as grandes distâncias entre os povoados fizeram da hospitalidade uma das principais marcas dos nativos, reforçando a percepção da solidariedade e do acolhimento que fizeram parte de muitas histórias contadas, ainda hoje, pelos moradores mais antigos da região (BARBOSA GONÇALVES, 2008 p. 30).

Embora a Chapada dos Veadeiros seja rica no que diz respeito aos quesitos socioeconômicos, devido à miscigenação de povos, culturas e seu potencial próprio de gerar renda para população utilizando os atributos naturais e peculiares da região, com o passar dos anos, tornou-se ainda mais suscetível às intervenções negativas da interferência humana nos recursos naturais da região. Esse fato foi ainda mais notório quando se percebeu a oportunidade da expansão das fronteiras agrícolas na região centro-oeste do estado de Goiás, onde está localizada a Chapada dos Veadeiros. Barbosa Gonçalves (2008) afirma que:

A Chapada dos Veadeiros, no entanto, não se encontra imune às tendências mais destrutivas da sociedade contemporânea, que visando ao desenvolvimento e ao crescimento econômico a qualquer custo tem gerado prejuízos irreversíveis à biodiversidade. Por outro lado, outras propostas de desenvolvimento têm surgido e estão em construção, como o desenvolvimento incluyente e sustentável (BARBOSA GONÇALVES, 2008 p. 35).

O pensamento de que a natureza e todos os recursos naturais devem ser domados pelo homem faz com que a Chapada dos Veadeiros esteja vulnerável aos impactos da atual forma de pensar desenvolvimento socioeconômico como o domínio do homem sobre todos os meios e insumos de trabalho, tendo em vista que a Chapada é riquíssima em recursos naturais e possui uma vasta possibilidade de uso sustentável dos recursos naturais de forma sustentável.

A convergência entre espaço vivido e espaço explorado gera envolvimento com os ecossistemas do bioma e facilita as práticas sustentáveis, pois, para os Povos do Cerrado, sua sobrevivência e a do bioma são um só. A forma como utilizam os recursos naturais é diferenciada também pela presença do patrimônio cultural e pela lógica camponesa de que alguns são herdeiros (MELO, SAUER e DINIZ, 2016, p. 171).

Para melhor compreendermos o potencial desenvolvimento socioeconômico da Chapada dos Veadeiros, é importante que entendamos que tanto os quesitos culturais, como políticos e econômicos devem estar alinhados para que, cada vez mais, a região desenvolva seus potenciais econômicos e sociais de forma igualitária. Silva, Oliveira e Araújo (2012) concordam que o desenvolvimento não é restrito apenas a aspectos econômicos, mas ao político, cultural e social que partiu da percepção das desigualdades entre países e da disparidade entre regiões, as diferenças regionais são constantes.

Após a depressão de 1930, o processo de ocupação de Goiás seguiu os interesses do governo federal de voltar a economia do país *para dentro*, em locais onde existiam terras férteis, florestas ainda preservadas e grande extensão de pastagens naturais. Para isso, o governo lançou o programa *Marcha para o Oeste*, que tinha como objetivo estimular a

produção econômica no interior do país, devido à crise de abastecimento alimentar nos grandes centros urbanos ocorrida no período pós-guerra, agravada pelas crises do café, e pelo interesse de diminuir as importações e substituir os produtos importados pela produção nacional (CRUZ, 2005).

A ideia inicial da ocupação de Goiás, região em que se localiza a Chapada dos Veadeiros, visava a expansão do potencial agrícola do país com o objetivo de diminuir os impactos pós-guerra e alimentar a população que não tinha acesso a alimentos básicos para sobrevivência. Neste cenário, além de criar produtos semelhantes para reduzir a compra de produtos importados a alimentar o mercado da produção alimentícia nacional, o que a princípio era positivo, foi tomando proporções que resultaram, com o passar dos anos, no desgaste dos recursos naturais em detrimento da oportunidade de cada vez se expandir ainda mais a fronteira agrícola sobre a região Centro-Oeste.

A região da Chapada dos Veadeiros, no cerrado de maior altitude do estado de Goiás, manifesta características paisagísticas e climáticas diferenciadas, além de abrigar especial flora e fauna. Com imensas áreas naturais de Cerrado preservadas, constitui-se em um abrigo para notável biodiversidade. Entretanto, este ambiente tem sido alterado significativamente pela presença humana (BARBOSA GONÇALVES, 2008 p. 26).

Hoje o estado de Goiás, além das dotações naturais que favorecem a exploração do turismo de natureza, tem sua economia baseada na produção agrícola e pecuária, no comércio e nas indústrias de mineração, alimentícia, de confecção, mobiliária, metalúrgica e madeireira. Na agricultura, destaca-se na produção de arroz, café, algodão, herbáceo, feijão, milho, soja, sorgo, trigo, cana-de-açúcar e tomate (CRUZ, 2005).

Para que seja possível minimizar os efeitos da atual economia predatória e impedir que avancem ainda mais pela extensão da Chapada dos Veadeiros, Orsi e Melo (2004) afirmam que é necessário a criação de espaços que favoreçam a conscientização da população da região para que seja cada vez mais difundido os efeitos dos modelos empregados atualmente e estimulem o pensamento popular sobre o potencial existente na “exploração” sustentável dos recursos disponíveis, mesmo que existam dificuldades para que a produção chegue ao destino final.

A criação de espaços favoráveis a certos tipos de experiência que requerem responsabilidade para a divulgação de qualquer proposta de modelo de dinamização comunitária e de desenvolvimento local/regional/territorial, quando trabalhados pelo enfoque de comercialização, principal “gargalo” de todo processo de produção rural de economia familiar (ORSI e MELO, 2004, p. 108).

Como uma estratégia de desenvolvimento socioeconômico, Cruz (2005) sugere alguns caminhos para que seja possível, através de sua aplicação, alcançar o potencial econômico do que se deseja. São eles:

- a) Estabelecer o desenvolvimento da ruralidade por meio da sinergia entre a agricultura e os outros setores da economia local, sejam eles o turismo, o artesanato ou mesmo a conservação sustentável do meio ambiente, de forma a explorar as vantagens comparativas do território como um todo;
- b) Estabelecer um grupo, que poderá ser formado por meio de uma associação de produtores, uma cooperativa, ou outra forma de união, que promova o fortalecimento dos agricultores familiares na busca de estratégias coletivas;
- c) Cooperar entre si, de forma a enfrentar os grandes concorrentes do agronegócio brasileiro e de outros países produtores;
- d) Definir regras coletivas de padrão de qualidade do produto e dos serviços que são prestados na região. Ao estabelecerem esse padrão de qualidade, todos os participantes do grupo devem segui-las, de forma que, ao comercializar seu produto ou prestar um serviço, o grupo seja monitorado, mediante indicadores de desempenho e que sanções sejam aplicadas àqueles que se desviarem dos padrões definidos;
- e) Apontar os líderes empreendedores que estejam dispostos a unir esforços e buscar as competências e técnicas que possam ser utilizadas pelo grupo, além das experiências externas que serão aplicadas ao mesmo;
- f) Estabelecer os incentivos que irão perpetuar o processo de produção e comercialização do produto bem como a prestação dos serviços. Devem partir do grupo de produtores as propostas de continuidade dos incentivos que busquem a sustentabilidade das atividades desenvolvidas por meio da autogestão eficiente, e não de uma organização externa ao grupo.

Esses caminhos objetivam a utilização do potencial social local, para geração de alternativas com viés econômico, de modo a estabelecer relações de cooperação entre os municípios, para que juntos formem uma maior parcela e se tornem fortes e competitivos tanto no mercado local, como em todo o cenário econômico.

3. METODOLOGIA

Para análise e contextualização histórica do extrativismo vegetal no Cerrado, foram realizadas pesquisas em obras bibliográficas, sendo artigos científicos, monografias e demais trabalhos de diversos autores. Como forma de complemento à pesquisa, foram utilizados sites e periódicos para formação do arcabouço teórico sobre os diversos âmbitos do desenvolvimento e sua aplicação sob a ótica das práticas extrativistas nos municípios de Alto Paraíso, Teresina de Goiás e Cavalcante.

Visando uma análise mais profunda sobre a possibilidade da exploração sustentável dos recursos naturais presentes na região Norte da Chapada dos Veadeiros e os fatores que interferem de forma direta no desenvolvimento da região, foram realizadas visitas para aplicação de roteiro de entrevistas direcionado aos membros das comunidades analisadas, contribuindo assim para a obtenção de informações fidedignas.

Através dos métodos de pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória tornou-se possível a conclusão deste trabalho, somados aos conhecimentos compartilhados entre membros da Associação Kalunga de Cavalcante, Associação Quilombo Kalunga e demais povos que compõem as comunidades do Vão de Almas, Vão do Moleque, Engenho II, Alto Paraíso e Teresina de Goiás, totalizando 15 entrevistados.

Dentre os mais variados perfis de entrevistados para o desenvolvimento deste trabalho, destacam-se 10 que contribuíram com as respostas de todas as questões levantadas no roteiro. Os 5 outros entrevistados responderam ao roteiro de forma parcial. São eles: 2 expositoras de uma feira que acontece no município de Alto Paraíso, 2 agroextrativistas representando o município de Teresina de Goiás e 6 cavalcantenses, sendo 2 presidentes de associações com trabalhos voltados para os Povos Kalunga e 4 líderes comunitários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em Goiás, as práticas do extrativismo vegetal não constituem a principal atividade econômica de considerável parcela das comunidades que praticam o extrativismo. Isso quer dizer que as famílias realizam outras atividades para obtenção de renda que não apenas a extração dos frutos, como, por exemplo, a agricultura familiar.

Essa realidade se deve ao fato de que a maioria das famílias que utilizam do extrativismo vegetal para fins comerciais possuem outros vínculos empregatícios. Isso faz

com que o extrativismo seja visto, em grande parte dos casos, como uma fonte extra de renda para essas famílias.

Alguns membros das comunidades analisadas revelam que para que seja possível viverem apenas da renda advinda dos frutos do cerrado é necessário que seja primeiro estabelecida uma organização comunitária (associação, cooperativa, etcetera) para que os frutos ou produtos (a base dos frutos do cerrado) produzidos pelas famílias tenham maior visibilidade no mercado, fazendo com que a renda advinda da comercialização destes frutos atenda totalmente às necessidades financeiras das famílias.

O foco deste trabalho está em sugerir o extrativismo vegetal como fonte de renda para as comunidades analisadas e apontar a possibilidade da exploração sustentável dos recursos naturais para obtenção ou complemento de renda destas, visando alcançar um maior desenvolvimento socioeconômico dos municípios onde as comunidades estão localizadas.

Todo o arcabouço teórico, somado às experiências obtidas em visitas a campo, amplia e justifica o pensamento de que o extrativismo é uma alternativa para famílias que não possuem nenhum rendimento² ou renda abaixo da média estipulada pelo IDH dos municípios analisados ou até mesmo servir como um modelo para as comunidades que já tem atividades econômicas bem definidas, mas desejam alcançar o desenvolvimento socioeconômico de forma sustentável e com alta viabilidade econômica por se tratar de uma manejo pouquíssimo oneroso ambientalmente e financeiramente, embora exija uma grande quantidade de mão de obra humana.

4.1 Perfil dos municípios analisados

Este trabalho visa analisar o cenário socioeconômico dos municípios do Norte da Chapada dos Veadeiros, tendo como parâmetro Alto Paraíso, Teresina de Goiás e Cavalcante, e sugerir o extrativismo vegetal como alternativa para obtenção de renda e desenvolvimento socioeconômico destes. Desta forma, para melhor compreender a possibilidade das práticas extrativistas nas comunidades analisadas, é necessário primeiramente ampliar a compreensão sobre o cenário social e econômico de cada uma delas. A figura 1 ilustra o mapa da abrangência do Cerrado pelo território brasileiro e a figura 2 ilustra o mapa de localização da Chapada dos Veadeiros e os municípios analisados.

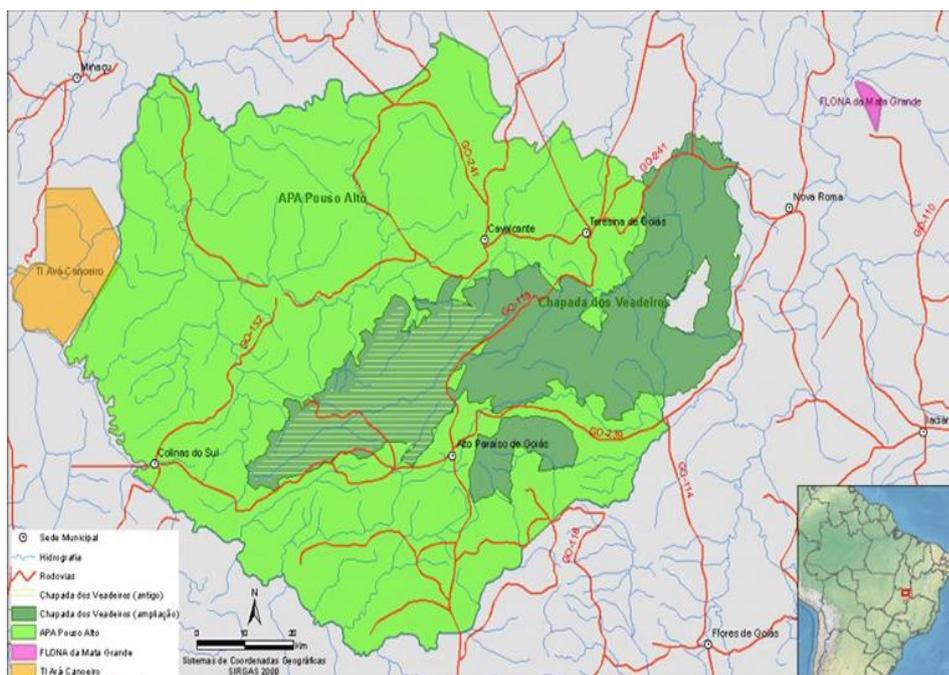
² Não possuem nenhuma fonte de renda, mas produzem para consumo próprio.

Figura 1 – Mapa da abrangência do bioma Cerrado pelo território brasileiro



Fonte: IBGE (2004)

Figura 2 – Mapa de localização da Chapada dos Veadeiros e dos municípios analisados



Fonte: Instituto Socioambiental (2017)

Os primeiros registros de ocupação humana em Veadeiros (nome dado inicialmente ao município de Alto Paraíso) foram de etnias indígenas como, por exemplo, os Kayapós, Xavantes e Guayazes. Logo em seguida, com a vinda dos bandeirantes para a região em busca de minérios, deu-se início ao ciclo da mineração na região, dando origem a Cavalcante. Em 1740, Diogo Teles Cavalcante fundou oficialmente o município de Cavalcante. Em meados dos anos 90, Veadeiros foi emancipada de Cavalcante, assumindo assim o nome de Alto Paraíso.

Ainda hoje a extração de minérios acontece na região de Alto Paraíso, mas perdeu força desde o ano de 1961 com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que objetiva a conservação dos recursos hídricos, fauna e flora presentes na região. Desde então, Alto Paraíso desenvolve seu potencial econômico pautado no ecoturismo, atividade que proporciona o desenvolvimento econômico do município.

Já o município de Teresina de Goiás originou-se da migração de cinco pessoas para as terras ao redor das cidades de Cavalcante e Campos Belos, resultando em um loteamento às margens dessas cidades. Devido à grande proporção que este loteamento tomou em pouco espaço de tempo, em meados do ano de 1988, o loteamento foi emancipado de Cavalcante, dando oficialmente origem ao município de Teresina, sendo o município mais novo do Norte da Chapada dos Veadeiros, Teresina, baseia sua atividade econômica na agricultura.

Dentre os três municípios analisados neste trabalho, Cavalcante é o mais antigo deles, como já mencionado anteriormente. Foi ele quem deu origem aos outros dois municípios, Alto Paraíso e Teresina. Visado pela grande quantidade de minérios presentes na região, o município de Cavalcante foi por um longo período explorado pelos garimpeiros que migravam para a região em busca de ouro.

Cavalcante baseia suas atividades econômicas em três pilares: agricultura, mineração e turismo. Dentre as três, a que mais se destaca é a agricultura, devido a produção de grãos, árvores frutíferas e plantas medicinais, mas com o passar dos anos, o turismo vem ganhando destaque no cenário econômico do município.

Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado de Goiás do ano de 2017, o município de Cavalcante é o que possui maior população dentre os três municípios analisados neste trabalho. Cavalcante tem a população estimada em 9.829 pessoas, seguido de Alto Paraíso com 7.514 e Teresina de Goiás com população estimada em 3.363 pessoas.

Embora Cavalcante seja o município com o maior número de habitantes, foi o município de Alto Paraíso que teve o aumento mais considerável no número de habitantes, se comparado os números do IDH dos anos de 2016 e 2017, com o acréscimo de 629 pessoas, enquanto os municípios de Cavalcante e Teresina de Goiás tiveram o acréscimo de 437 e 347 respectivamente.

No que diz respeito à economia, Cavalcante também é o município com maior Produto Interno Bruto (PIB) per capita (R\$ 25.562,28), segundo os dados do IBGE (2015) referentes ao IDH dos municípios do Estado de Goiás, seguido de Alto Paraíso com R\$18.760,39 e por último Teresina com o valor de R\$8.653,41. Essa disparidade se deve ao percentual de pessoas ocupadas. Segundo dados do mesmo senso, 927 pessoas estão empregadas em trabalhos formais em Cavalcante, 1.306 em Alto Paraíso e 309 pessoas em Teresina.

Embora o município de Alto Paraíso tenha um maior número de pessoas empregadas se comparado a Cavalcante, este ainda apresenta maior PIB per capita devido ao salário mensal dos trabalhadores formais, que recebem em média 2,1 salários mínimos mensais, enquanto Alto Paraíso tem salário mensal estimado em 1,7 salários mínimos, segundo dados do senso do IBGE/2015.

Conforme citado anteriormente nesta seção, os municípios analisados neste trabalho têm sua economia baseada na agricultura, mineração e turismo, empregando apenas uma parcela da sua população. Levando em consideração os percentuais apresentados pelo IDH/2015 relacionados à educação, apenas 345 dos 1.228 matriculados no ensino fundamental, matriculam-se no ensino médio no município de Alto Paraíso; em Teresina de Goiás dentre os 592 matriculados no ensino fundamental, apenas 153 concluem o nível fundamental e matriculam-se no ensino médio e em Cavalcante dos 1.831 que concluem o ensino fundamental, apenas 412 concluem o ensino médio.

Esses dados revelam que em ambos os municípios a educação não é uma prioridade para a população, seja pela falta de incentivos governamentais, dificuldade no acesso às escolas, a necessidade de auxiliarem a família no desenvolvimento de alguma atividade empregatícia para complemento da renda de suas famílias, dentre outros fatores que causam o desestímulo à capacitação profissional.

Através das visitas a campo realizadas para o desenvolvimento deste trabalho, foi possível perceber, por meio dos relatos, que existe o desejo de uma maior capacitação profissional por parte de toda a comunidade, tendo em vista que a grande maioria,

independentemente da faixa etária dos entrevistados, tem o desejo de se capacitar profissionalmente para que possam proporcionar às suas famílias uma melhor qualidade de vida.

A presidente da Associação Kalunga de Cavalcante, ao ser questionada sobre qual a principal atividade econômica desenvolvida pelos membros da comunidade Engenho II, confirmou que “a agricultura ainda é a principal atividade econômica da comunidade, por ser uma prática passada entre as gerações dos povos do Engenho e não exigir uma capacitação profissional para o desenvolvimento dela”. Assim, as famílias conseguem comercializar o que colhem em pequenas feiras no município de Cavalcante e da comercialização das verduras e legumes cultivados, as famílias subsistem economicamente.

A presidente complementa sua fala dizendo que atualmente tem aumentado o número de jovens que migram dessas comunidades para os centros urbanos buscando capacitação e que, muitas vezes, não retornam para suas comunidades por existir pouca oferta de emprego em seus municípios.

Embora atualmente os membros destas comunidades busquem a capacitação profissional, o fato de encontrarem essa qualificação, na grande maioria dos casos, fora de seus municípios e depois não retornarem para suas cidades de origem, faz com que os índices de educação permaneçam baixos, além de não contribuírem de forma direta com o desenvolvimento socioeconômico destas comunidades.

4.2 Extrativismo de frutos do Cerrado no Norte da Chapada dos Veadeiros

A ferramenta utilizada para melhor compreensão dos parâmetros do atual uso das práticas extrativistas nas comunidades analisadas foi a elaboração e aplicação de um roteiro de entrevista em pessoas diretamente ligadas ao extrativismo na região.

Foram feitas três visitas aos municípios analisados, viabilizando a vivência prática do dia a dia destas comunidades. Lideranças comunitárias, como os presidentes da Associação Kalunga de Cavalcante e da Associação Quilombola Kalunga foram de extrema importância para que outras lideranças comunitárias pudessem contribuir com a elaboração deste trabalho.

O roteiro de entrevista utilizado dispunha 18 perguntas subdivididas em três assuntos principais, como as práticas extrativistas nas comunidades analisadas, fatores econômicos e sociais relacionados ao extrativismo e de que forma, segundo a percepção do entrevistado, o extrativismo viabilizava o desenvolvimento da comunidade.

Fatores como distância e dificuldade de comunicação com os entrevistados foram, em alguns momentos, limitantes no desenvolvimento deste trabalho, de modo que dentre as três visitas, em apenas duas foi possível a aplicação dos roteiros de entrevista.

Tendo em vista que o extrativismo vegetal é, de forma simplificada, a prática da coleta de frutos presentes no bioma natural da região, seria essa uma oportunidade de proporcionar às famílias uma melhor qualidade de vida, aumentando sua renda familiar, proporcionando de forma direta o desenvolvimento social e econômico destes municípios.

O extrativismo é uma forma de conseguir o equilíbrio entre obtenção de renda e práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais no fragmento do Cerrado nas comunidades analisadas neste trabalho, aliando as práticas sustentáveis do extrativismo dos frutos a possibilidade de geração de renda com a comercialização dos frutos *in natura* ou subprodutos.

Ao serem questionados sobre a principal atividade econômica de suas comunidades, as respostas foram diferentes, de acordo com a realidade de cada município. Dentre os municípios analisados, Alto Paraíso é o que tem maior exploração das práticas extrativistas. Isso se deve ao fato de que o município tem seu desenvolvimento socioeconômico muito aliado ao ecoturismo na região.

Segundo os entrevistados que comercializam produtos em uma feira da região, os turistas são os principais consumidores dos frutos do Cerrado e essa demanda tem aumentado significativamente com o passar dos anos, principalmente, segundo os entrevistados, pela valorização dos frutos do Cerrado, que antes eram comercializados apenas *in natura* passaram por processamentos transformando-se em produtos mais atrativos aos consumidores. Nos municípios de Teresina e Cavalcante o extrativismo para fins comerciais ainda é muito pouco explorado.

Através do instrumento de pesquisa utilizado para levantamento de dados deste trabalho, foi possível perceber a influência do turismo no estabelecimento de um mercado que vise comercializar os frutos do Cerrado. O quadro 1 traz o comparativo dos municípios sobre a destinação dos frutos coletados e de que forma eles são consumidos de acordo com as respostas dos entrevistados.

Quadro 1 – Destinação dos frutos coletados

Município	Forma de Consumo	Comercialização
Alto Paraíso	Os frutos são consumidos em grande parte sem nenhum ou pouco processamento	Neste município os frutos do Cerrado são consumidos pela comunidade e também comercializados em feiras, mercados, conveniências e em demais locais frequentemente visitados por turistas, como, por exemplo em pousadas e campings
Teresina de Goiás	Os frutos são consumidos majoritariamente <i>in natura</i>	Há pouca comercialização dos frutos, mas quando há a comercialização os frutos não vendidos em feiras do município
Cavalcante	Os frutos são consumidos na maioria dos casos <i>in natura</i> , quando são destinados para consumo próprio, quando destinados para comercialização passam por processamentos simples	Nas comunidades Engenho II e Vão do Moleque os frutos são pouco destinados para comercialização, mas quando comercializados são expostos em feiras em Cavalcante; na comunidade Vão de Almas os frutos são comercializados no espaço em uma pequena loja na própria comunidade, mas também exposto em feiras em Cavalcante

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A disparidade nas formas de comercialização dos frutos do Cerrado se deve ao fato de que Alto Paraíso e Cavalcante são mais frequentados e explorados por turistas. A incidência da presença dos turistas nesses municípios faz com que o mercado para a comercialização dos frutos seja mais amplo para venda *in natura* ou com algum tipo de processamento. Os frutos são demandados pelos turistas em algumas situações citadas pelos entrevistados para degustação ou como uma lembrança da visita feita aos municípios. Ao retornarem a esses municípios, existe, na maioria dos casos, a procura pelos frutos do Cerrado por parte dos turistas.

Os frutos mais coletados e comercializados nos municípios de Alto Paraíso, Teresina e Cavalcante, segundo os entrevistados são: Pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess), Araticum (*Annonacrassiflora*), Cagaita (*Eugenia dysenterica*), Barú (*Dipteryx alata* Vogel), Mangaba (*Hancorniaspeciosa* Gomes), Jatobá (*Hymenaeastigonocarpa*), Cajuzinho-do-Cerrado (*Anacardiumhumile*) e Guariroba (*Syagrusoleracea*) e são comercializados *in natura* ou em forma de geleias, polpas, cosméticos e artesanatos. O grau de processamento destes produtos está relacionado com o público que compõe o mercado consumidor, sendo que nos municípios mais visitados pelos turistas, os frutos têm maior grau de processamento.

Analisando as informações presentes no quadro 2, verifica-se a necessidade do estabelecimento de cooperativas ou associações em ambos os municípios.

Quadro 2 – Dificuldades relacionadas ao processamento, transporte e comercialização

Município	Processamento	Transporte	Comercialização
Alto Paraíso	Falta de uma unidade de processamento dos frutos, bem como a falta de capacitação das comunidades extrativistas; falta de uma organização comunitária que vise defender os interesses das famílias extrativistas do município	Falta de transportes adaptados para o deslocamento dos produtos, precariedade nas estradas que ligam a comunidade aos pontos de comercialização e falta de capacitação relacionada ao armazenamento dos frutos	Poucos pontos de venda para comercialização dos produtos; falta de prontos de venda específicos para a comercialização dos frutos; pouca divulgação a respeito do trabalho feito com os frutos do Cerrado pelas comunidades
Teresina de Goiás	Falta de incentivos governamentais para a exploração sustentável dos frutos do Cerrado, Falta de uma unidade de processamento dos frutos, bem como a falta de capacitação das comunidades extrativistas; falta de uma organização comunitária que impulse a coleta e processamento dos frutos	Falta de transportes adaptados para o deslocamento dos produtos e precariedade nas estradas que ligam a comunidade aos possíveis pontos de comercialização	Poucos pontos de venda para comercialização dos produtos; pouca divulgação a respeito do trabalho feito com os frutos do Cerrado pelas comunidades; pouca exploração do município como atrativo turístico
Cavalcante	Falta de uma unidade de processamento dos frutos coletados nas comunidades de Vão do Moleque e Vão das Almas e na comunidade do Engenho II falta de capacitação das famílias para melhor aproveitamento da agroindústria já construída na comunidade; falta da criação de uma organização comunitária para união das famílias de cada uma das comunidades, para o estabelecimento de um elo entre as comunidades e, principalmente, entre as famílias de cada uma das comunidades	Falta de transportes adequados e infraestrutura das estradas para a locomoção dos produtos e membros da comunidade para exposição dos produtos em feiras e mercados	Falta de pontos de venda para estes produtos; pouca divulgação sobre a existência da produção dos frutos por parte das comunidades Quilombolas do município

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A formalização de organizações locais possibilita organizar as comunidades e criar lideranças que podem impulsionar a produção dos frutos para uma maior visibilidade do trabalho das comunidades com os frutos do Cerrado no próprio município. A falta de

incentivos governamentais para a coleta e processamentos dos frutos também é uma resposta recorrente na fala dos entrevistados.

As comunidades que já comercializam os frutos do Cerrado relatam a dificuldade no transporte destes produtos. Por serem, na maioria dos casos, comunidades afastadas dos centros dos municípios, a precariedade na infraestrutura das estradas e rodovias é ainda maior do que no restante do estado, em grande parte dos casos, as comunidades coletoras dos frutos estão localizadas em regiões ainda não pavimentadas ou com pavimentos muito precários e sem nenhuma gestão por parte dos órgãos responsáveis pela pavimentação do Estado.

Com relação à comercialização, os entrevistados relatam a falta de pontos de venda para esses produtos. No município de Alto Paraíso, o mais desenvolvido no que diz respeito a comercialização dos frutos do Cerrado, as queixas ainda são muito presentes no que se refere aos pontos de comercialização devido à falta de divulgação dos próprios comerciantes e dos membros das comunidades que expõem seus produtos na feira de Alto Paraíso. Nos outros municípios os relatos são ainda mais frequentes sobre a pouca amplitude do mercado para a comercialização desses produtos.

Os entrevistados sugerem que sejam criados pontos de venda, a exemplo da comunidade do Vão de Almas em Cavalcante, em um lugar de fácil e frequente acesso dos turistas, assim, as comunidades coletariam e processariam os frutos de acordo com o perfil dos clientes e do mercado estabelecido, bem como já destinariam a produção desde a coleta dos frutos para a comercialização nesses pontos de venda.

Outro ponto recorrente nas respostas dos entrevistados é o papel dos Centros de Atendimento aos Turistas (CAT) no processo de comercialização desses produtos. Segundo os entrevistados, o CAT, que já existe em todos os municípios, seria um ponto de venda estratégico para esses produtos, tendo em vista que em ambos os municípios, de acordo com os entrevistados, os potenciais consumidores são os turistas, seguido dos moradores das comunidades vizinhas.

A percepção de que o extrativismo vegetal seja uma alternativa para o desenvolvimento socioeconômico no âmbito da valorização social, cultural e ambiental destas comunidades se deve ao fato de que, de acordo com todos os entrevistados, as práticas extrativistas estão em ascensão em seus municípios, bem como, embora ainda pequena, a divulgação dos frutos do Cerrado a nível nacional.

Por ser uma atividade pouco onerosa e que requer pouco conhecimento inicial relacionado ao manejo, além dos transmitidos geração a geração, o extrativismo é uma opção para o complemento de renda das comunidades analisadas. Visando atender às necessidades e aumentar a renda das famílias dos municípios analisados, as práticas extrativistas são positivas para o progressivo desenvolvimento de um nicho de mercado no norte da Chapada dos Veadeiros.

Aliando a comercialização dos frutos do Cerrado com o crescente número de turistas que visitam a região em busca das peculiaridades culturais e ambientais da Chapada do Veadeiros, constata-se que o extrativismo é um potencial contribuinte para o desenvolvimento socioeconômico dos municípios de Alto Paraíso, Teresina de Goiás e Cavalcante.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar as características socioeconômicas atuais dos municípios de Alto Paraíso, Teresina de Goiás e Cavalcante que compõem o norte da Chapada dos Veadeiros no Estado de Goiás, o potencial destes municípios e sugerir o extrativismo de espécies vegetais como alternativa para o Desenvolvimento Socioeconômico das comunidades desta região.

Através dos dados coletados a partir da aplicação de entrevistas em membros das comunidades analisadas, foi possível atestar a potencial ascensão das práticas extrativistas como atividade principal para obtenção ou complemento de renda das famílias destas comunidades.

A falta de organizações comunitárias e estímulos governamentais e também comunitários é um fator inibidor do desenvolvimento de um mercado que ofereça os frutos do Cerrado *in natura* ou com algum tipo de processamento. Em conta partida, a expansão do turismo nos municípios analisados, de forma especial em Alto Paraíso e Cavalcante, é um fator de estímulo à produção extrativista.

Um ponto importante percebido no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, os turistas são os principais consumidores dos produtos à base dos frutos do Cerrado produzidos pelas comunidades analisadas. Sendo assim, extrativismo e turismo são aliados e complementos que contribuem diretamente para o Desenvolvimento Socioeconômico dos municípios analisados no norte da Chapada dos Veadeiros.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu a conclusão da possibilidade de exploração sustentável dos recursos naturais do bioma Cerrado no fragmento que compreende o norte da Chapada dos Veadeiros, de forma especial nos municípios de Alto Paraíso, Teresina e Cavalcante, selecionados para o estudo da probabilidade das práticas extrativistas como forma de contribuir para o Desenvolvimento Socioeconômico da região.

Outros pontos, como a relação do estabelecimento de organizações comunitárias e o potencial de amplificação do extrativismo vegetal na região analisada e o dimensionamento do potencial de ampliação do potencial extrativista, surgiu como nova possibilidade de abordagem que embora não tenha sido levantada de forma direta neste trabalho, porque o tornaria muito extenso, é um potencial assunto a ser tratado no que se refere ao extrativismo como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades analisadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. Cerrado: espécies vegetais úteis. Planaltina: Embrapa, 1998. 1v.

BARBOSA, A. **As Estratégias de Conservação da Biodiversidade na Chapada dos Veadeiros: Conflitos e Oportunidades**. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2008. (Dissertação de Mestrado)

CRUZ, K. C. M. dos S. **A cachoeira do Poço Encantado: empreendimento familiar e presença Kalunga na cadeia do ecoturismo em Teresina de Goiás**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. (Dissertação de Mestrado)

DINIZ, J.D.A.S. **Avaliação-construção de projetos de desenvolvimento local a partir da valorização dos produtos florestais da Amazônia brasileira: caso da castanha-do-brasil**. p.388, Tese de Doutorado (Centro de Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DRUMMOND, J.A. **A extração sustentável de produtos florestais na Amazônia brasileira: vantagens, obstáculos e perspectivas**. Estudos Sociedade e Agricultura. v.6, jul.1996. p. 115137.

DUARTE, L. M.G. **Globalização, agricultura e meio ambiente: o paradoxo do desenvolvimento dos Cerrados**. In: DUARTE, LM BRAGA, M. L. S. (Org). Tristes Cerrados. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 11-26.

FISBERG, M.; WEHBA, J.; COZZOLINO, S. M. F. **Um, Dois, Feijão com Arroz: a alimentação no Brasil de norte a sul**. São Paulo: Ed. Atheneu, 2002.

HIRONAKA, G.M.F.N. **O extrativismo como atividade agrária**. Jus Navigandi. Teresina: 2000.

MELO, S. W. C.; SAUER, S.; DINIZ, J. D. **Agroextrativismo como Estratégia de Desenvolvimento Rural no Cerrado**. In: Selma Simões de Castro; Jose Paulo Pietrafesa; Josana de Castro Peixoto; Maria Gonçalves da Silva Barbalho. (Org.). Recursos Naturais: Indicadores de uso e manejo de biotas, solos e águas no Cerrado. 1ed.Rio de Janeiro: Garamond, 2016, v. 1, p. 159-186

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mapa de Biomas e Vegetação**. 2004. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acessado em: Março, 2018.

Instituto Socioambiental. **Governo cria e amplia áreas protegidas, mas meio ambiente tem pouco a comemorar**. Política e Direito Socioambiental Monitoramento de Áreas Protegidas. 2017. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/governo-cria-e-amplia-areas-protetidas-mas-meio-ambiente-tem-pouco-a-comemorar>>. Acessado em: Março, 2018.

MANCIN, R. C. **Pior sem ela: a lei protege o patrimônio genético**. Galileu, Vinhedo, n. 137, p. 26-38, dez. 2002.

MELO, S. **Extrativismo Vegetal como Estratégia de Desenvolvimento Rural no Cerrado**. Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, 2013, 197 p. Dissertação de Mestrado.

ORSI, S. D.; MELO, M. F. **Agronegócios no DF e o segmento de produtores rurais de economia famílias**. In: Figueiredo, A.; PRESCOTT E.; MELO, M. F. (Orgs) **Integração entre a produção familiar e o mercado varejista – uma proposta**. Brasília: Universa, 2004.

RODRIGUES, E. **Frutos do Cerrado: A influência dos Frutos do Cerrado na Diversificação da Gastronomia**. 2004. 92 p. Projeto de pesquisa (Pós-graduação em Gastronomia e Segurança Alimentar). Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SILVA, A.; OLIVEIRA, E.; ARAÚJO, E. **Uma Análise do Programa Bolsa Família e da Pobreza como Fator de Exclusão**. In: The 4th International Congress on University-Industry Cooperation, 2012, Taubaté, São Paulo.

APÊNDICE

Apêndice A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Este roteiro de entrevista tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica cuja tema é Extrativismo vegetal e desenvolvimento socioeconômico: evolução histórica no norte da Chapada dos Veadeiros.

Este trabalho está incluso no projeto de inovações sociotécnicas para boas práticas no extrativismo de espécies vegetais nativas do Cerrado desenvolvido na Universidade de Brasília e tem como objetivo mensurar os benefícios das práticas extrativistas no contexto econômico e social.

As questões abordadas neste roteiro de entrevista são voltadas para uma melhor compreensão do estabelecimento de práticas extrativistas na região e do seu potencial de amplificação e interesse das comunidades analisadas neste trabalho.

Caracterização da comunidade

Nome da comunidade: _____

Quantas famílias trabalham com extrativismo na comunidade? _____

Qual a principal atividade econômica desenvolvida pelos membros da comunidade?

Comentários:

Sobre as práticas extrativistas realizadas na comunidade

1. Existem práticas extrativistas na comunidade? Caso a resposta da pergunta anterior tenha sido positiva, quais são essas práticas?
2. Quais são os frutos coletados?
3. Como é feita a coleta destes frutos? E quem são os responsáveis por essa coleta?
4. A que são destinados os frutos coletados?

Fatores econômicos e sociais do extrativismo

5. Caso os frutos tenham como finalidade a comercialização (in natura ou processados), quem são os consumidores destes frutos/produtos?
6. Existe uma regularidade na demanda destes produtos, ainda que sejam sazonais, seja por moradores de sua cidade, turistas ou organizações empresariais?
7. Caso a resposta anterior tenha sido positiva, a demanda é por produtos *in natura* ou com algum grau de processamento?
8. Qual a sua opinião a respeito do extrativismo vegetal? Você acredita que ele seja uma oportunidade para aumento de renda da comunidade?
9. Em sua opinião, quais são os maiores obstáculos enfrentados para o estabelecimento de um mercado que consiga atender as demandas por produtos extrativistas de sua cidade e cidades vizinhas?
10. Você seria consumidor de um produto extrativista, como por exemplo, uma geleia, um bolo, pão ou artesanato?
11. Atualmente, como você avalia a qualidade de vida dos membros de sua comunidade, levando em consideração o acesso a alimentação, saúde e educação?
12. Você acredita que seja possível estabelecer dentro de sua comunidade um ponto de venda de produtos extrativistas? Em sua resposta, leve em consideração o interesse dos membros da comunidade em desenvolver esta atividade extra e os potenciais compradores desse tipo de produto.
13. Você acredita que seria uma oportunidade de aumento de renda para sua família a comercialização dos frutos do Cerrado? Você teria apoio de sua comunidade ou alguma cooperativa ou associação nesta iniciativa?
14. Em uma situação hipotética, caso você fosse comercializar os seus produtos, onde você os comercializaria? Já existe um ponto de venda para produtos deste perfil em sua comunidade/cidade?

Sobre o desenvolvimento resultante das práticas extrativistas

Você considera que a atividade extrativista na comunidade em que você representa está em declínio, ascensão ou está estagnada. Por que?

Comentários:

Indica alguma família extrativista para futuros contatos a fim de contribuir com a pesquisa?